



Central Fotovoltaica de Alcoutim | Maio de 2020



Central Fotovoltaica de Tunes | Junho de 2020



Central Fotovoltaica de Martim Longo | Maio de 2020



Despedrega intensiva na base da encosta sul do Cerro de São Miguel | Maio de 2020

Paisagens e territórios algarvios em transformação

Há agora uma urgência especial para esta série fotográfica, enquanto estímulo para a reflexão: a degradação da biodiversidade aumenta a probabilidade de futuras pandemias e ajuda a compreender as causas da atual

Nuno de Santos Loureiro
info@barlavento.pt

Os usos e ocupações que o Homem estabeleceu e determinou para o seu território mudaram ao longo dos tempos, mudam na atualidade e continuarão a mudar no futuro. Por conseguinte, no Algarve, como em quase todo o planeta, ocorre uma contínua transformação do território e das paisagens a ele vinculadas.

Será possível identificar períodos de mudanças a ritmo acentuado e mudanças mais lentas; não é possível, no entanto, identificar períodos estáticos, a não ser por breves intervalos de tempo. E, na verdade, a existência de paisagens incólumes é hoje uma utopia romântica.

Todo o território já foi perturbado e está em cons-

tante mudança, por ação direta ou indireta do Homem. Há agora uma urgência especial para esta série fotográfica, enquanto estímulo para a reflexão: a pandemia de SARS CoV-2 (COVID-19).

Sucedem-se os avisos, insistentemente afirmados pela comunidade científica e pela Organização Mundial da Saúde (OMS): a degradação da biodiversidade aumenta a probabilidade de futuras pandemias e ajuda a compreender as causas da atual.

O biogeógrafo, investigador e professor universitário Miguel Bastos Araújo, por exemplo, em entrevista ao semanário Expresso (edição de 23 de maio), afirma que poderá haver uma relação direta entre a perda de biodiversidade e o aparecimento de pandemias.

Emerge, entre muitos,

um amplo consenso: os serviços prestados pela natureza ao Homem são fundamentais para a qualidade de vida à face da Terra. E à escala regional impõem-se duas questões: como é que o Algarve cuida do seu território e da sua biodiversidade? Quando ocorrem transformações na região, qual o *sentido* das mesmas? No da degradação ou no da preservação e valorização na natureza?

Para criar esta série fotográfica (ainda incompleta) identificaram-se e documentaram-se paisagens e territórios algarvios em transformação.

Que *sinais* ilustram estas fotografias? Tentam responder a estas questões Álvaro Domingues, Fernando Santos Pessoa, Madalena Victorino e Giacomo Scalisi, a convite do barlavento.



Instalação de novos pomares ao ar livre feitos após intervenções intensivas no solo, com despedregas e desmatamentos, nas proximidades da encosta sul do Cerro de São Miguel | Maio de 2020



Nuno de Santos Loureiro

Instalação de pomares de pera-abacate nas proximidades de Silves | Junho de 2020



REN | transporte de energia elétrica em muito alta tensão Serra de Tavira | Junho de 2020



Reflorestação com eucalipto (Eucalyptus globulus) | Serra de Monchique (próximo de Marmeleite) | Maio de 2020

Paisagem, memória e a eucaliptização do país

Fernando Santos Pessoa
Arquiteto Paisagista

A paisagem guarda as transformações que o homem, ao longo das gerações, foi introduzindo no território.

Os seres superiores, aos quais Teilhard de Chardin atribuiu a condição de terem sido formados pela Evolução num processo da hominização que os levou a tomarem progressiva consciência de si e do meio que os rodeava, interagiram sempre sobre os ecossistemas no sentido de satisfazerem as suas necessidades - primeiro básicas como qualquer outro ser vivo e a pouco e pouco mais exigentes em termos de objetivos e de tomadas de consciência.

Muitas das paisagens que hoje apreciamos e achamos quase naturais são afinal depositárias de um vasto e antiquíssimo património cultural e foi algum abandono do seu uso que originou um retorno parcial a antigos facies; os êxitos e os fracassos dos grupos humanos ao dominarem os territórios estão ligados à forma como foram respeitados ou ultrapassados os limites de resposta e de renovação dos recursos que a natureza mantinha disponíveis, num ciclo de equilíbrios que serão sempre tanto mais garantidos quanto mais se aproximem do climácico.

O Algarve tem um povoamento antigo e sofreu as influências dos vários povos que por aqui passaram e por aqui se estabeleceram; também aqui as paisagens foram sendo modificadas mas man-

tiveram ao longo dos séculos um apreciável equilíbrio, tirando partido de espécies da vegetação de tipo mediterrânico que formam uma aliança que bordejia todo o sul da Europa, mas muitas das suas espécies encontram-se por todos os territórios, a norte e a sul, do *Mare Nostrum*.

Só quando na época contemporânea a política centralista e uma ciência agrónomica equivocada se sobrepujaram ao conhecimento empírico das gentes e à sabedoria das autoridades locais é que se deu a grande transformação negativa para a região, como de resto para todo o sul de Portugal: a campanha do trigo do regime salazarista.

Além das graves consequências económicas e sociais que resultaram desta falsa ideia de ser autosuficiente «em pão» ficaram as consequências ecológicas desastrosas para a serra algarvia, com o abate de povoamentos de azinheira e outras formações vegetais e a mobilização dos solos paupérrimos para a cultura de cereais - erosão acelerada e destruição da biodiversidade. Ficaram dessas campanhas, abandonadas poucos anos depois, as extensas manchas de esteva praticamente como única cobertura do solo pobre.

Mais tarde, já em pleno regime democrático, continuou-se com outra intervenção calamitosa - a eucaliptização do país, que no Algarve afetou zonas de serra mas sobretudo a região a norte da Serra de Monchique; toda a vegetação que cobria aquela vasta área

foi sacrificada a um relatório de 1977, dum técnico da indústria da celulose que dizia ser aquela uma zona privilegiada para o eucalipto.

De nada valeu um excelente plano de reflorestação com espécies autóctones, elaborado em meados dos anos 90, que foi pura e simplesmente *metido na gaveta* e nem se sabe onde pára agora...

A força e o poder do dinheiro e dos interesses alheios à região voltaram a triunfar. Incêndios sobre incêndios têm devastado aquela área e sacrificado até uma espécie rara, o *Quercus canariensis*, que em Portugal só ali se desenvolve naturalmente.

Por isso, as paisagens em transformação no Algarve, para além da monolítica, irrecuperável e abusiva ocupação urbano-turística de todo o litoral (escapam raros trechos da costa), e o aumento da construção dispersa no barrocal para limites que já começam a ser excessivos, dizem respeito quer à instalação de equipamentos de produção energética alternativa quer a intervenções também excessivas, de novo, sobre os solos e a orografia (e nem se fala no consumo do recurso água...).

Em relação à produção de energia destacam-se as torres eólicas, pelo porte e, a que eu acrescentarei, uma certa elegância tecnológica; com elas certamente D. Quixote não tentaria espadeirar por estarem muito acima dos gigantes fantásticos que ele visionava nos moinhos.

O problema maior das torres será a sua colocação

em locais de rotas dominantes do voo de aves, o que pode ser minimizado evitando erguê-las nesses locais e em certas paisagens de beleza muito fina, onde constituirão uma intrusão relevante. O outro problema é o das áreas de painéis solares, e aqui acredito que a sensibilidade de muitas pessoas se sinta ferida ao contemplar aquele estendal de placas. Por mim confesso sinceramente que prefiro olhar para um parque solar, desde que instalado numa zona improdutiva, porque estarei a olhar para uma paisagem tecnológica do futuro. Muito melhor do que olhar para um imenso eucaliptal que é uma paisagem do passado que desejaríamos ultrapassar. Se queremos acabar com os combustíveis fósseis temos de entender as novas paisagens tecnológicas da energia do futuro. Estas áreas não afetam a biodiversidade nem são lesivas da fertilidade dos ecossistemas, embora não sejam isentas de algumas consequências.

Graves, em termos de atentado à diversidade biológica e à conservação do território, são, por um lado, as vastas plantações de eucaliptos nas encostas de onde toda a vegetação foi arrasada e as áreas aplanadas para criar novos pomares de culturas exigentes em água. Já não basta a vasta área tradicional de citrinos para agora se estimularem outras culturas exigentes em rega. E os pomares de sequeiro, deixaram de interessar?

Estas é que são as grandes e graves transformações das paisagens do Algarve; as paisagens tecnológicas artificializam mas não destroem o fundo de fertilidade do território.

Continua-se a subestimar o problema da água no Algarve; este não se resolve com mais barragens, pois se não chove nas que já existem também não cairá uma pinga nas novas. Ninguém promove a experimentação de culturas de ciclo curto que exijam pouca água, como se faz em países do Mediterrâneo, pois a Direção Regional de Agricul-

tura é hoje quase apenas uma repartição para passar subsídios e não faz a experimentação agrícola que chegou a ter apreciável expressão e com técnicos de muito valor.

Não se trata da reciclagem das águas e pode perguntar-se quantos campos de golfe algarvios reciclam a água que consomem - e deviam fazê-lo por imperativo nacional!

Ninguém investiga as perdas de água nas redes urbanas; ninguém fala do início do processo de dessalinização da água do mar para abastecer as populações urbanas, deixando a pouca água das barragens para o interior e para as culturas.

As paisagens tecnológicas, desde que planeadas com o cuidado de quem está a mexer na vida do planeta, são o começo da esperança de um mundo melhor, onde os milhões de Kw de energia hoje desperdiçada, que o sol e o vento nos enviam em cada dia, serão transformados em benefícios para a biodiversidade e para o homem.



Reflorestação com eucalipto (Eucalyptus globulus) | Serra de Monchique (próximo de Casais) | Maio de 2020

Todo o mundo é composto de mudança

Álvaro Domínguez
Geógrafo

Paisagem, sendo palavra de uso comum e coisa clara que aparenta fácil compreensão, é, de facto, assunto de muitas e variadas controvérsias – a relação entre os factos e o entramado de assuntos que neles se suporta é instável, sujeita aos mais diversos processos de validação, não raro, contraditórios.

A paisagem é um suporte de representação do território, inexoravelmente influenciado pelos modos de ver, de dar a ver, e de compreender aquilo que se representa. Neste jogo de espelhos é fácil confundir a realidade com a sua representação, tal como é difícil discernir - se isso não for explicitado - aquilo que encaminha a intencionalidade de quem representa e de quem interpreta essa representação. Assim são as imagens.

No contexto da desruralização (a desconstrução do Portugal rural pré-moderno), o Algarve é um caso especialmente disruptivo. Com décadas de atraso face à emergên-

cia do turismo de veraneio na Europa mais desenvolvida, o Algarve vivia ainda o desmantelamento da sua base económica tradicional (agricultura e pesca), o principal motor de produção de paisagem que vinha de um tempo longo e lento por terras do litoral, do barrocal e da serra.

Dessa metamorfose rápida e tumultuosa abundam os relatos e os sinais. O turismo, ou melhor, as múltiplas manifestações da fileira turística e das suas marcas na paisagem – hotéis, aldeamentos, golfs, *resorts*, casas na serra, aeroportos, marinas, urbanizações... substituiu a velha agricultura como maquinaria de construção de paisagem. O dilúvio de imagens sobre o assunto é inesgotável e a cacofonia em volta do assunto é bem maior do que o esforço para entender essa mudança e a sua quase inevitabilidade.

As novidades destas imagens são outras. No Algarve, como em qualquer outro lugar do planeta, assistimos a uma mudança acelerada no sector energético e na economia do denominado sector pri-

mário. A velocidade das inovações tecnológicas prossegue imparável, seja na produção de energia elétrica a partir de fontes renováveis, seja nos sistemas de produção vegetal e animal.

As paisagens que aqui se apresentam são, por isso, paisagens tecnológicas, paisagens que registam de forma quase literal o modo como visualmente se manifestam as novidades – os painéis solares são, como a oliveira, a alfarrobeira, a figueira ou a amendoeira, uma nova espécie sintética muito bem adaptada às horas de sol dos climas mediterrânicos; aquilo que antes era a economia doméstica do pomar de sequeiro, é agora a economia global do sector energético e dos interesses poderosos que mobiliza.

Da incessante circulação de outras espécies espontâneas ou domesticadas, que cruzam o planeta desde há séculos, o eucalipto é, para todos os efeitos, um prodígio biológico de adaptação à secura, ao solo pedregoso e à ecologia do incêndio (renasce depois da queima). Se não



Vastas áreas de estufas no litoral do concelho de Tavira | Abril de 2020

houvesse outras questões, bastaria esta para enquadrar a sua ocorrência em terrenos pobres, secos e montanhosos; a armação do terreno em micro patamares é a que melhor previne a erosão e a que favorece a manutenção mecanizada. Tecnicamente, uma plantação de eucalipto é uma floresta, um sumidouro de carbono, um espaço verde e um repositório de biomassa; arde bastante bem e também é bom para fazer papel, etc.

Se a pesca desenfreada pôs em risco os ecossistemas marinhos, façam-se aquaculturas. Se a libertação de CO₂ é nociva, instalem-se fotovol-

taicas. Se as pragas e a inconsistência climática aumentam, plante-se dentro de estufas.

Claro que tudo terá um preço; essa questão também não é nova. O que é novo é a intensa mercantilização de tudo ao nível global, e por isso se plantarão *laranjais* – árvores domesticadas na China – se houver água, solo apropriado e retorno do investimento.

Quando a visão moderna do progresso entrou em colapso alguém inventou a sustentabilidade e disse que era possível associar competitividade, equilíbrio ambiental e justiça social - tinha reinventado o paraíso antes da ser-

penite; o planeta seria um jardim. Perdeu-se o manual de instruções.

Estas são as paisagens que há. A paisagem também já provou ser um dispositivo político de alta potência para se discutir como é que nos (des)entendemos coletivamente. O que menos me comove é o saudosismo das paisagens do tempo da miséria - pura estética sem pingo de sensibilidade social; o bode expiatório em vez da discussão sobre sistemas complexos; ou a fuga securizante para utopias e mundos perfeitos que a maldade do mundo não permite.



Parque Eólico da Bordeira, Serra de Monchique | Junho de 2020



Parque Eólico da Bordeira, Serra de Monchique | Junho de 2020



Parque Eólico do Malhanito, Cachopo (ENERCON) Serra de Tavra | Junho de 2020

Lavrar o Mar, lavrando a paisagem

Madalena Victorino
Giacomo Scalisì
Artistas e programadores culturais

O projeto cultural Lavrar o Mar - as artes no alto da serra e na Costa Vicentina, tem por missão, desde 2016, criar programas artísticos para os territórios de Aljezur e de Monchique. Tem como propósito trabalhar as terras destas regiões, não no sentido da sua exploração mas no da sua admiração.

Quando aqui chegámos, sentimos de imediato que se tratava de uma terra singular. Com uma diversidade de paisagem natural extraordinária, dunas a perder de vis-

ta na Carrapateira, como um deserto de um outro planeta, os pinhais do Bordaleite, onde as copas redondas muito chegadas umas às outras nos dão a ilusão de um mar ondulado de caruma verde, os cursos de água que vindos das ribeiras da serra se encontram com o mar nas marés para se regenerarem e fluírem pelo solo de areia branca como jibóias marinhas, onde é possível mergulhar.

A serra, as hortas escondidas nas pequenas várzeas entre montes, os sobreiraes, os medronheiros dispersos pelas encostas da Portela da Viúva, que nos fazem subir e

descer para ir ao encontro do seu fruto que se transforma nas mãos dos sábios destiladores, no líquido alquímico e mais precioso daquele lugar.

A água que se deixa cair em cascata no Barbelote, as aldeias quase extintas que nos contam com as suas pedras, uma vida rural que já não existe. Os animais, as manadas, os rebanhos. O pão e o peixe. Os cheiros e o vento. A maresia e os pescadores. Os lavradores, os lenhadores, os esconderijos da serra e do mar. Entre Aljezur e Monchique, encontrámos um terreno maravilhoso e fértil para aí plantar uma programação

que, tal como as sementes, foi nascendo e crescendo devagar ao encontro de um diálogo com o território, com as suas populações tão ricas em cultura rural e piscatória. Foi preciso caminhar, caminhar, caminhar.

Procurar, parar e observar. Tentar um entendimento deste território, lendo as suas geografias exteriores e interiores, as suas formas acidentadas e nos lençóis freáticos de uma cultura quase submersa, encontrar a força telúrica que se respira no ar, a misteriosa aragem da serra e do Atlântico e a sua memória potenciadora de imaginários múltiplos. Iniciámos a realização de espetáculos, concertos, percursos em que experiências estéticas fortes transformam os lugares, perdendo estes por um tempo (o tempo da obra), o nome que tinham, os dramas neles

inscritos, o seu proprietário, deixando-se escorregar para uma nova identidade, ainda por designar e por definir.

A nossa pesquisa reside em saber como é que um mesmo lugar, um promontório, um bosque, um vale, uma aldeia, a própria serra, se deixam perturbar pela arte, ao ponto de, na ausência total de uma intervenção efetiva, se transformarem durante o tempo de um acontecimento artístico que ali surge e se revela, num espaço outro, totalmente novo.

Que possa esse lugar, uma floresta por exemplo, renascer aos olhos de quem a conhece num outro plano, o plano poético. É este plano poético para onde o território é projetado, o mecanismo que viabiliza esta perturbação valorizadora, que faz nascer e renascer leituras. As novas narrativas da

montanha, do Atlântico, dos prados, das aldeias, dos moinhos, de lugares e vilas, presentes na nossa programação, nascem assim: ao chegar a esta paisagem, os artistas perturbam-se, apaixonam-se e apropriam-se. Com um toque leve e subtil esgueiram-se pelas fendas da terra, da serra ou do mar para neles fazer habitar as suas ficções.

Homens que voam das janelas, atores que contam tragédias amorosas ficcionais com a força da verdade total, danças que reconstituem fábulas entre homens e animais. Tudo a acontecer num teatro totalmente natural. A paisagem deste território, mantendo-se intacta através da nossa intervenção, é assim alimentada, acalentada e revestida de mais sentidos. Os nutrientes para uma transformação, de que só a arte é capaz de produzir.